



Histórias de vida em formação: uma nova perspectiva para a formação de adultos...

Profa. Dra. Cecília Warschauer

Entrevista com Marie-Christine Josso, professora da Universidade de Genebra, publicada na revista da Escuela Psicopedagógica de Buenos Aires E.PSI.B.A. *Psicopedagogía*, n.7, pp. 70-74,

CECÍLIA - Christine, tive a oportunidade de conhecer um pouco de seu trabalho em algumas diferentes oportunidades, inicialmente através de seu livro “*Cheminer vers soi*”¹, depois em seu curso na Universidade de São Paulo e agora em Genebra, ao assistir a algumas de suas aulas na Universidade, ocasiões em que tenho percebido a inovação contida em sua proposta de trabalho de formação de adultos. Um dos aspectos desta inovação é de considerar o lado pessoal e não apenas o profissional, como vemos acontecer nos programas tradicionais de formação, inclusive de professores, área em que atuo. Você tem chamado sua metodologia de trabalho de “Histórias de Vida em Formação”. O que significa esta metodologia e como ela ganhou corpo?

CHRISTINE - Esta é uma pergunta quase epistemológica. O enraizamento experiencial deste itinerário tem a ver com o fato de que durante meus anos de escola, tanto da escola primária, quanto da secundária, fui uma aluna entediada, não via interesse na escola. Mas isto não acontecia em todas as aulas, porque quando tinha uma boa relação com os professores e professoras, quer dizer, quando havia alguma relação afetiva entre nós, um interesse deles por mim e meu por eles, eu tinha uma grande capacidade de envolver-me nas aulas, de ter boas notas e até fazer mais do que eles queriam que eu fizesse. Lembro-me perfeitamente bem de um tempo, próximo do secundário, em que fiz uma promessa dizendo: “nunca na minha vida serei uma professora”. De uma maneira geral, achava que a escola não tinha nada a ver com a minha vida, quase tudo era como um jogo arbitrário.

Quando cheguei à Universidade, tive um sentimento de imensa liberdade, porque muito poucas eram as aulas em que precisávamos assistir. O trabalho pessoal era muito mais importante que as aulas em si, trabalhávamos muito em grupos de alunos. Eu acho que foi esta a primeira vez na minha vida escolar que encontrei uma oportunidade de viver e conviver com os outros, o que hoje podemos chamar de autoformação. Autoformação com um empenho pessoal, afetivo, com uma ligação entre os saberes e a vida, entre a vida cotidiana e os problemas internacionais, com a possibilidade de escolher e buscar conhecimentos nos livros que ficavam lá na biblioteca, mas sobre os quais os professores não falavam...

Quando no início de nossa conversa eu falava do meu caminho até as Histórias de Vida como um caminho que inclui uma ruptura epistemológica, eu me referia à escolha de uma metodologia que facilitasse uma abordagem das nossas realidades de uma maneira mais global, abrangente, incluindo todas as dimensões dos discursos das ciências do



humano. Não se pode descrever, entender e compreender ninguém se só falamos da pessoa na dimensão psicológica, ou se só se fala na dimensão sociológica ou econômica ou política e etc.

Então, a questão da formação está ligada à minha origem de formação em sociologia e antropologia acerca da questão “como as pessoas se tornaram o que elas são hoje”, com as suas características de hoje. Para perceber isso, as explicações funcionalistas ou deterministas não são suficientes. Pode-se verificar muito facilmente que numa mesma família os percursos dos filhos são muito diferentes. Também dentro de uma mesma classe social os itinerários são muito diferentes, o êxito na escola, mesmo que estatisticamente haja uma correlação entre algumas categorias sociais e o êxito, há suficientes exceções para introduzir a questão da liberdade e da construção de si próprio.

CECÍLIA - E no que consiste, basicamente, a metodologia das Histórias de Vida em Formação?

CHRISTINE - A metodologia inicia-se com a pergunta “o que posso dizer da minha história que me permite entender o meu itinerário de formação?”, isto é, quais foram os acontecimentos, as atividades, as pessoas significativas, as minhas escolhas, os meus desejos? Mas essa história tem uma parte extremamente factual. O trabalho desenvolve-se sobre uma base cronológica incluindo fatos. Não se deve transgredir essa regra. Mas há estudantes que o fazem, por não quererem se desvelar e escrevem uma interpretação sem fazerem ligações com qualquer fato, o que já é uma interpretação em segundo grau. Então, a primeira parte do trabalho é uma parte exigente, porque se trata de construir um cronograma da sua vida e de evocar fatos reais. Esta é uma parte relativamente descritiva, é uma fase oral. Depois há uma parte escrita, onde as pessoas organizam esses fatos, os acontecimentos e as atividades para dar a dinâmica da vida, e a escrita impõe fazer ligações. Nesta fase, os estudantes são “obrigados” a dar a sua interpretação do que foi formador na sua vida. Então, as pessoas falam do seu papel enquanto ator da sua própria vida. A partir daí, com essas escritas, temos um material que “fala” da subjetividade da pessoa, mas que é também um material objetivado. O material que está ali é uma narrativa, que existe para os outros, que pode ser lida para os outros. Então, nesta altura, trabalhamos com o olhar dos outros sobre a sua vida, “o que eu entendo do que a Cecília escreveu na sua história”. E cada História de Vida é trabalhada com esses olhares cruzados. Os participantes do seminário falam de sua percepção, dão sua interpretação, contam o seu entender dos componentes da formação do autor da narrativa e questionam também a interpretação contida na própria escrita. Por exemplo, alguém escreve “eu queria fazer um curso de educação física, mas minha mãe não estava de acordo, então eu fiz o curso de magistério para satisfazê-la”. A partir de uma frase como essa, eu posso questionar o autor da narrativa, tentando fazê-lo dizer porque a opinião de sua mãe era tão importante para ela, porque ela a aceitou, pois poderia ter feito de outra forma, poderia ter decidido sair de casa ou outra coisa. Portanto, quando se ajuda a pessoa lhe mostrando que havia várias possibilidades de reagir a uma mesma situação, nós levamos essa pessoa a desenvolver e a explicitar os valores e as idéias que a levaram a fazer aquela escolha, isto é, as idéias e os valores que estão por trás de sua escolha.

O que estou dizendo a respeito dessa metodologia é que se tivéssemos outras idéias e outros valores, as coisas poderiam ter se desenvolvido de uma maneira completamente



diferente. E como estamos fazendo no presente esse trabalho sobre o passado, estamos a induzir no presente essa maneira de questionar os seus pressupostos. Então, a metodologia das Histórias de Vida em Formação trabalha no nível do entendimento que as pessoas têm da lógica de sua formação, de sua maneira de “tomar forma” ao longo da vida, mas também de sua maneira de construir o seu conhecimento de si própria e a capacidade de questionar a sua visão de mundo.

CECÍLIA - E, a partir de reflexões desse tipo, posso posicionar-me de forma diferente com relação às propostas que me forem feitas no futuro... É aí que está, parece-me, o caráter formador das Histórias de Vida... Mas um trabalho com a história de vida envolve também aspectos afetivos e emocionais de cada pessoa em formação. Que distinções você faria deste trabalho com uma prática psicológica, terapêutica?

CHRISTINE - O trabalho terapêutico tem a ver com situações que fazem parte da história de vida de uma pessoa, mas que não inclui a construção de sua história durante o processo terapêutico ou analítico. Além do mais, nosso trabalho sobre as Histórias de Vida não se encaixa no registro da psicologia, precisamente porque se trata de entender a sua formação, que inclui certamente o ser psicológico, mas também o ser cultural, sociológico, etc. O que não quer dizer que um psicólogo não poderia trabalhar com as Histórias de Vida usando unicamente o seu registro psicológico, mas em nosso projeto de formação procuramos entender a formação de cada um de nós em todos os seus aspectos e não só na sua dimensão psicológica. Além do mais, nas Histórias de Vida em Formação, o foco não é o sofrimento, é a formação. E isto é uma diferença enorme. Podemos encontrar também sofrimentos durante a formação, mas não estamos a tratar dos sofrimentos na vida das pessoas. Além do mais, o projeto das Histórias de Vida em Formação não é curar as pessoas, é propor uma metodologia de conscientização, de distância crítica para si próprio, de compreensão de nossa dinâmica em todos os nossos aspectos. É muito importante para mim a diferença entre essa metodologia e a psicanálise, a psicoterapia.

CECÍLIA - Como você vê a utilização dessa metodologia na educação, com professores, especificamente? Poderia apontar algumas possibilidades abertas por esta proposta de trabalho e alguns limites, mesmo que não seja este seu campo de atuação propriamente dito?

CHRISTINE - O maior interesse em fazer as Histórias de Vida com professores, parece-me o fato de desenvolver um olhar sobre a formação que ultrapassa a concepção escolar da formação. É a tomada de consciência da quantidade incrível de experiências que cada um de nós viveu, de onde tira lições e aprende coisas. Isto é o que chamamos de formação informal, formação experiencial, a formação através das experiências de vida. A formação formal é a formação escolar, qualquer que seja o nível. A formação informal pode ser a televisão, um encontro, tudo o que aprendemos ao longo da vida em circunstâncias extremamente diversas, numa viagem, na convivência com amigos, na prática de um esporte, na paixão pela música, nas nossas ligações afetivas.

Sendo assim, os professores não podem se esquecer durante a sua prática que os alunos tiveram muitas outras experiências e que eles podem utilizá-las para dar raízes concretas aos conteúdos disciplinares. Portanto, eles podem utilizar as experiências dos alunos e a



diversidade dessas experiências para enriquecer e dar vida às diferentes disciplinas e então fazer a ligação entre a formação escolar e a vida.

CECÍLIA – Nós, educadores, falamos muitas vezes da importância de uma aprendizagem significativa, aquela que promove a articulação entre os conteúdos escolares e a vida dos alunos. Mas temos dificuldades para promovê-la, talvez por não termos tido a chance de a experimentarmos, nem em nossa formação escolar, nem em nossa formação profissional. Assim, uma prática de formação utilizando a Metodologia das Histórias de Vida poderia nos ajudar nessa tarefa, ampliando nosso entendimento de formação, não é?

CHRISTINE - Sim, mas há outra consequência extremamente importante, mesmo que nem todos os professores que fazem este trabalho com as Histórias de Vida cheguem necessariamente a esta conclusão. A descoberta de que cada um de nós sabe aprender fora das didáticas escolares levanta a questão de como fazer para respeitar essa capacidade de aprendizagem para melhorar o rendimento do aprendizado. Mas a tomada de consciência de que não existe uma boa didática é algo muito forte. É tão forte que é difícil para muitos professores que estão de tal maneira construídos, na sua formação básica, para a busca de didáticas e de um certo caminho a seguir no ensino, que aceitar que o aluno pode descobrir o seu próprio caminho de aprendizado parece uma negação do seu papel de professor.

CECÍLIA - Então, o papel do professor, nesta concepção de aprendizagem, é outro, diferente daquele exercido tradicionalmente...

CHRISTINE - É evidente! Mas o professor não desaparece, o professor é um acompanhante, um facilitador, um “parteiro”... Além do mais, é um papel muito mais difícil do que o outro, porque precisamos melhor perceber a personalidade, as características dos nossos alunos, dos nossos estudantes, para só o ajudar quando parecer indispensável para o seu próprio caminho de descoberta, de aprendizagem.

CECÍLIA - Mas o professor estaria oferecendo estímulos, desafios para os alunos, ele não é nada passivo neste processo, não é?

CHRISTINE - Evidentemente! A alteridade aqui existe e é um grande desafio para os professores, no sentido de empenhar-se pessoalmente na relação. É importante a sua presença com “eu acho que...” e não “a escola diz que...” ou “eu não concordo contigo porque...” e não “a geografia diz que...”, isto é, ele traz seus valores, sua sensibilidade, os seus interesses. É muito mais forte a alteridade neste caminho do que na formação tradicional dos professores, porque atrás de tudo isto há uma questão filosófica e também política. Se reconhecemos as diferenças, como tratar dessas diferenças numa comunidade? O modelo tradicional é um modelo quase militar: “a batalha a ser vencida é esta, os conhecimentos a serem vencidos são estes, a metodologia para ganhar a batalha é essa, as razões para ganhar a batalha são estas”, etc. O inverso seria: para onde ir? Por quê? Para fazer o quê? Com quem? Falo do ponto de vista da sociedade, com consequências para a escola. Aprender para quê? Para fazer o quê? Para conviver com os outros como?

Lembrando do que estávamos falando ontem sobre a democracia ao nível social, é a convivência o coração da escola, conviver com as nossas diferenças. E neste ponto



colocam-se questões muito concretas sobre o respeito ao outro, o respeito a si próprio e o conflito gerado nesta convivência. Como tratar esse conflito? Como ultrapassar esse conflito nesse momento...

CECÍLIA - Sim, questões cruciais, difíceis, mas desafiadoras. Muito obrigada, Christine pela disponibilidade para esta entrevista longa, em que pude aproveitar seus conhecimentos de Português, aprendidos através da auto-disciplina diária das leituras e do exercitar com seus amigos e amigas de Portugal, mais um exemplo de sua autoformação. Obrigada pela convivência nestes dias na Suíça e pelos desafios colocados a meu próprio crescimento, levando-me a descobrir que sou capaz de me comunicar em Francês, o que se deu graças a seu estímulo, sua permissão do erro, sua prática do colocar-se em risco, encorajando-me a fazer o mesmo, inclusive diante de uma “platéia”, seus alunos na Universidade. Obrigada por ter-se tornado professora, “contrariando” a menina que conhecemos em sua História de Vida.

ⁱ JOSSO, Christine. **Cheminer vers soi**. Lausanne, Éditions L'Âge d'Homme, 1991.